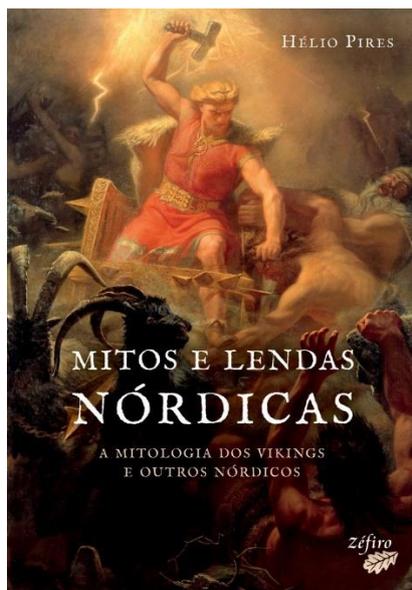


## MITOLOGIA NÓRDICA PARA OS PORTUGUESES

### NORSE MYTHOLOGY FOR THE PORTUGUESE PEOPLE



PIRES, Hélio. *Mitos e Lendas Nórdicas: a mitologia dos vikings e outros nórdicos*. Sintra: Zéfiro, 2019. 380p.

Leandro Vilar Oliveira<sup>1</sup>

O presente livro é a segunda publicação do historiador Hélio Pires, membro do *Instituto de Estudos Medievais em Portugal* e colaborador internacional do *Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE)*. Em sua obra anterior de viés mais histórico e historiográfico, Pires apresentou o resultado de sua tese de doutorado sobre a presença escandinava em Portugal e na Galiza. Dois anos após a publicação de seu primeiro livro, o autor retorna aos estudos escandinavos a partir de uma outra abordagem: a mitologia. O novo estudo intitulado *Mitos e*

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências das Religiões pela UFPB. Mestre em História e Cultura Histórica (UFPB). Membro do NEVE. Email: [vilarleandro@hotmail.com](mailto:vilarleandro@hotmail.com).

*Lendas Nórdicas* apresenta-se como uma obra concebida de acordo com o autor para tornar os portugueses mais familiarizados com a mitologia nórdica, fornecendo um livro que sirva como introdução para essa rica mitologia do norte da Europa.

Embora Pires comente que parte do portugueses, sobretudo, os mais jovens, tenham melhor conhecimento sobre os mitos nórdicos devido as influências vistas no cinema, história em quadrinhos (banda desenhada), livros, desenhos e videogames, ainda assim, há uma carência de informações por parte desse grupo, que em muitos casos, não sabe distinguir o que é material das fontes medievais, do que foi adaptado e reelaborado por essas mídias. Diante dessa preocupação na introdução e conclusão de seu livro, Hélio Pires tomou a tarefa de explicar de uma forma objetiva e simples, a rica mitologia nórdica aos seus conterrâneos.

O novo livro diferente do anterior, possui imagens, as quais são gravuras em preto e branco de pinturas do final do XIX e começo do XX, que retratam os mitos nórdicos. Algo que concede um atrativo a mais para os leitores. Quanto a organização da obra, ela está dividida em 38 capítulos, sendo dois deles representados pela introdução e a conclusão. Os demais capítulos estão divididos em cinco partes: a primeira diz respeito aos mitos de origem ou a cosmogonia, baseando-se nas narrativas contidas nas *Eddas*, em especial na *Edda em Prosa*, a qual organiza de forma mais coesa esses mitos. Com isso o autor escreveu sobre a origem do mundo, dos gigantes, dos deuses, dos anões, do dia, da noite, Sol, Lua, dos humanos etc.

A segunda parte que é a mais extensa, foca-se nas principais narrativas sobre os deuses e gigantes, como o roubo do martelo de Thor, a criação dos presentes dos deuses, as viagens de Odin, o roubo do hidromel, o casamento Njörd e Skadi, o rapto de Iduna, a construção das muralhas de Asgard etc. Na terceira parte o foco incide sobre o Ciclo do Ouro do Reno, o qual narra as aventuras e tragédias envolvendo a maldição sobre um tesouro, que repercute sobre os deuses, anões e os humanos. São nestes capítulos que o autor aproveita para abordar os ciclos heroicos da *Edda Poética*, os quais narram as histórias de Sigurd (Siegfried em alemão) e Atli.

Na quarta parte, a qual possui os capítulos mais longos, Pires trabalha com um material que possui resquícios históricos. Para isso ele abordou algumas sagas como a *Saga dos Groenlandeses*, a *Saga de Erik, o Vermelho*, a *Saga de Viga-glúms*, a *Saga de Egil* e a *Saga de Eyrbyggja*. Por fim, na quinta parte que é a mais breve, possuindo somente dois capítulos, são

apresentados os mitos da morte de Balder e as ligações deste com o Ragnarök, que consiste na escatologia nórdica.

No que se refere a introdução, o autor apresenta seus objetivos para ter escrito esse livro, além de situar historicamente os leitores sobre os povos nórdicos e sua relação com os povos germânicos. Nesse ponto ele reporta o leitor português a respeito da condição de que tribos germânicas como os Visigodos, chegaram a povoar parte da antiga província romana da Lusitânia, que atualmente compreende território português. Pires de forma humorada, cogita se naquele tempo, os Visigodos não estariam a cultuar em território luso ou hispânico, deuses como Wodan, Tiwaz e Donnar que são os equivalentes germânicos para Odin, Tyr e Thor.

Apesar dessa conjectura descontraída, o autor comenta a respeito dessa teoria citando especialmente o trabalho do historiador romano Tácito (c. 56 – c. 117), autor da *Germania*, em cuja obra, descreveu alguns dos deuses dos germânicos e os comparava aos deuses romanos. Além dessa menção a importante obra romana, Pires também comenta e crítica a teoria dos povos indo-europeus de Georges Dumézil (1898-1986); retoma algumas características dos germânicos; cita que os próprios vikings visitaram o território lusitano entre os séculos IX e XI – tema de seu livro anterior –, para finalmente adentrar de forma mais específica, a apresentar suas fontes de estudo.

Essa seção da introdução é bastante importante, pois nota-se a preocupação do autor em deixar claro aos leitores que existem vários tipos de fontes escritas pelas quais podemos ter acesso aos mitos e lendas nórdicas. Assim, ele explana de forma breve o que seriam as *Eddas*, as sagas, a poesia escáldica e os *kenningar* (metáforas). Além dessas fontes, Pires também destaca que fez o uso de outras narrativas do tipo crônica, como o *Gesta Danorum* (Feitos dos Dinamarqueses) de Saxo Grammaticus (1150-1220), o *Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum* (Atos dos Bispos da Igreja de Hamburgo) de Adão de Bremen (c. 1050 – c. 1095) e o *Historia Norwegie*, de autoria desconhecida e datado do século XII.

Encerrando a introdução, Hélio Pires apresenta um sucinto esboço de alguns aspectos centrais da Religião Nórdica Antiga – termo usado para se referir as crenças religiosas dos nórdicos antigos e medievais antes da cristianização de seus território –. Nessa apresentação sobre as características religiosas, das quais algumas são retomadas ao longo do livro, Pires é enfático ao dizer que se tratava de uma religião sem dogmas, doutrinas, clero uniformizado,

livro sagrado, ou qualquer forma de unidade eclesiástica. Diante disso, havia a variedade de práticas e ritos, mas também uma variedade de versões dos mitos, algo que ele enfatiza muito em seu estudo.

Encerrada a introdução o autor inicia na Parte Um, a apresentação dos mitos e sua breve análise. O modelo adotado para todo o livro resume-se em explicar de forma resumida, as ideias centrais ou contexto dos mitos – embora em algumas narrativas das sagas, o autor tenha se alongado mais para melhor apresentar o tema de análise –. Sua escrita nessa parte é objetiva e simples, porém, algumas palavras utilizadas ficaram estranhas, como o uso do autor da palavra castelo para se referir a morada dos deuses, sendo que estes viviam em salões (*halls*), não existindo castelos na Escandinávia durante a Era Viking (VIII-XI). Outro termo estranho empregado, refere-se a expressão “qualquer coisa”, repetida algumas vezes para explicar o sentido semântico de alguns nomes próprios. Excetuando-se esses pormenores, tais elementos não prejudicam a leitura ou sua descrição dos mitos.

Após apresentar seu resumo do mito, o autor destaca as fontes consultadas para compor sua descrição. A menção as fontes é um ponto alto no livro, pois evidencia a preocupação de mostrar ao leitor que não existem apenas uma versão de um dado mito. Em algumas de suas análises, Pires comenta as diferentes versões existentes, apontando a localização dessas variações nas *Eddas*, poemas, sagas e crônicas. Ele também apresenta comentários de estudiosos ou até mesmo suas hipóteses e opiniões sobre a interpretação dos mitos. Mas sempre ressaltando que o estudo mitológico nunca se esgota propriamente.

Quanto a parte analítica apresentada para cada capítulo, as análises variam como são feitas. Temos um estudo comparativo a nível documental, onde o autor compara as diferentes versões, trechos ou características das narrativas mitológicas; em dados momentos ele também faz um estudo filológico apresentando o significado dos nomes próprios ou comentando dificuldades de tradução de certas metáforas e termos em nórdico antigo. Em alguns capítulos o autor desvia-se do foco de analisar o mito referido, prendendo-se a analisar particularidades sobre determinados personagens, lugares ou acontecimentos. Entretanto, como Pires salientou que seu intuito com as análises era mais para situar os leitores novatos ou que possuam pouco conhecimento a respeito, e não um estudo profundo e especializado, não consideramos essas evasivas no assunto como algo problemático, até porque traz elementos novos para enriquecer o conhecimento geral.

Ainda a respeito de suas análises, Pires também realiza um estudo comparativo entre os deuses nórdicos com outras divindades indo-europeias, sobretudo de origem germânica, fino-úgrica e eslava, tecendo comentários pertinentes sobre as influências culturais entre estes povos. Embora as vezes recorra a fazer comparações pontuais com divindades greco-romanas. Nas suas análises também nota-se a preocupação em tentar racionalizar os mitos ou pelo menos, deixar mais claro elementos duvidosos e obscuros que são comuns nesse tipo de narrativa. Isso é bem visível quando ele explica a origem de alguns deuses como Odin, Heimdall, Frigga, Freyja, Freyr e Thor etc. havendo a tentativa de criar uma explicação mais fechada, podando as pontas soltas e incongruências que ocorrem nas diferentes versões.

Mas nessa tentativa de passar ao leitor uma versão mais simples de ser lida, Pires parece ter tentado conceber uma genealogia do panteão nórdico. Apesar de mostrar-se um artifício de escrita interessante e pertinente para os leitores pouco familiarizados com esse panteão, além de elucidar ao leitor que a imagem que eles possuem desses seres não necessariamente é similar à vista nas adaptações da cultura pop em voga atualmente. Embora que em várias ocasiões Pires recorra a cultura pop para situar os seus leitores, fazendo menções a J. R. R. Tolkien, em especial aos seus livros *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*, além de citar Harry Potter, *Game of Thrones*, *Beowulf* e até filmes pouco conhecidos como *Pedra Maldita* (Runestone), porém, em nenhum momento de suas citações à cultura pop, ocorra referências ao Thor da *Marvel Comics*, ou seriados como *Vikings* e *O Último Reino* (*Last Kingdom*), atualmente as principais referências de destaque.

Ainda sobre a forma de como as análises dos mitos são feitas, Pires em dados momentos esboça a preocupação de situar conceitos estranhos aos leitores, como o de *trickster* (trapaceiro), utilizado para descrever Loki e seu papel nos mitos, ou o conceito de *erfi* (afeminado), usado para se perceber as noções de masculinidade e gênero na cultura nórdica. Por mais que essa decisão tenha sido sábia, por outro lado, o autor em momento utiliza algum conceito do seria mito, lenda e magia. Inclusive não há uma distinção clara entre mito e lenda, duas palavras usadas para compor o título de seu livro. Provavelmente o autor tenha cogitado que os leitores possuam uma familiaridade maior com tais conceitos, daí não ter decidido contextualizá-los.

Em suas análises Pires para além de comparações, esquematizações genealógicas, explicações filológicas, semânticas e de conceitos, ele também recorre a cultura material e a

arqueologia para responder determinadas perguntas e dúvidas. Isso é bem perceptível quando ele aborda temas ligados a ritos fúnebres, cultos, sacrifícios, ou aspectos culturais sobre política, guerra, família, vingança, herança, cotidiano etc. Isso é mais visível quando ele analisa as sagas, as quais abordam personagens históricos como Rollo da Normandia, Hakon, o Bom, Erik Machado Sangrento, Erik, o Vermelho e Leif Erikson. Inclusive são nestes capítulos que o autor retoma sua profissão de historiador, comentando a partir dessas narrativas, aspectos do processo colonizador da Islândia, as intrigas políticas dos reis noruegueses, a colonização da Groenlândia e a chegada dos vikings à América do Norte. Nessa parte o autor também sublinha que embora haja diferentes tipos de sagas, algumas com um conteúdo lendário, há sagas com um conteúdo relativamente histórico, embora ele afirme que estariam mais para um “romance histórico”.

Após a conclusão do livro, o autor apresenta um longo glossário contendo dezenas de nomes próprios referentes a mitologia nórdica, algo bastante útil para situar os leitores pouco familiarizados ou que esqueceram quem seria determinado personagem ou lugar. Por fim, seu livro conclui com a bibliografia utilizada. Com isso o leitor pode conferir de forma listada e organizada as várias fontes mencionadas ao longo do livro e tomar ciência dos autores usados e citados diversas vezes. Pois como dito anteriormente e frisado pelo próprio autor, o livro *Mitos e Lendas Nórdicas* não se trata apenas de uma obra para comentar e descrever os mitos, mas para apresentar estudos sobre tais narrativas.

Sendo assim, podemos aferir que o autor fez uso de importantes estudiosos como Rudolf Simek, John Lindow, Carolyne Larrington, Neil Price, Olof Sundqvist, Birgit Sawyer, Catharina Raudvere, Hilda Davidson, entre vários outros. Entretanto, sublinhamos uma crítica a isso. Na introdução o autor comenta que os estudos nórdicos em Portugal são pouco conhecidos e produtivos, o que o levou a recorrer a estudos em língua inglesa devido a diversidade disponível. No entanto, ele afirma que seu livro foi escrito para situar os leitores sobre essa mitologia devido a esse pouco conhecimento e produção, porém, em momento algum o autor evidencia que haja uma crescente produção acadêmica sobre os estudos nórdicos no Brasil.

Algo alavancado principalmente pelo NEVE e por alguns grupos de estudos medievais. Isso também é visível nos eventos acadêmicos que ocorrem em universidades públicas do país, como o *Colóquio de Estudos Vikings e Escandinavos (CEVE)*, evento específico

da área, ou na ocorrência de palestras, conferências, mesas-redondas e minicursos sobre temática viking e escandinava que acontecem principalmente em eventos sobre história medieval, de literatura e mitologia. Entretanto, dentre essa produção brasileira, destaca-se o *Dicionário de Mitologia Nórdica*<sup>2</sup> lançado em 2015 pelo NEVE, consistindo no mais atual dicionário em língua portuguesa – não se tratando de uma tradução de obras estrangeiras –, que contou com a colaboração de dezenas de estudiosos brasileiros e de outros países.

Por mais que o intuito do autor tenha sido dirigir seu livro ao público português, não mencionar que no Brasil ocorra um interesse bem maior pelos vikings do que em Portugal é uma escolha questionável. Mesmo porque o leitor português tomando conhecimento de que no seu idioma existem dezenas de artigos e livros sobre o assunto e até mesmo traduções de algumas das fontes citadas no livro *Mitos e Lendas Nórdicas* e em grande parte disponível *online* pela internet, isso teria sido um grande contributo para ele por conta própria possa aprofundar-se nessa temática. Apesar disso, o livro cumpre com sua proposta de levar o conhecimento mitológico e acadêmico a um grupo heterogêneo, de forma simples e acessível.

---

<sup>2</sup> LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015.